

8 POLÍTICA AGRÍCOLA

INTRODUÇÃO

O setor agrícola inicia um novo ciclo anual cercado de preocupações quanto à redução não só do nível de investimento agrícola, mas, do próprio nível de sua atividade corrente.

Com efeito, é nesse sentido que apontam as estimativas de redução do plantio de praticamente todos os grãos. As exceções são o feijão 1ª safra e o milho, embora o aumento de área plantada deste último se deva exclusivamente ao papel que ele cumpre na rotação com a soja.

Ainda que essas reduções de área plantada não impliquem necessariamente queda nas respectivas quantidades produzidas, elas são tomadas, nesta seção, como evidências de que uma mudança muito drástica vem ocorrendo no setor. Essa mudança começou já no ano agrícola 2004/2005 e deverá se aprofundar no período que se inicia. As evidências indicam que o próprio nível *corrente* da atividade, e não apenas o seu *crescimento*, está sendo atingido na conjuntura agrícola atual.

COMPORTAMENTO RECENTE DOS PREÇOS AGRÍCOLAS

Como se pode notar nas Tabelas 8.1 e 8.2, os preços agrícolas domésticos, de maneira geral, atingiram patamares ainda inferiores aos do trimestre anterior (junho a agosto). Isso se explica, em parte, pela influência dos preços internacionais e da taxa de câmbio (especialmente no caso da soja, como se pode ver na Tabela 8.3), e em parte pela grande disponibilidade do produto doméstico, como os casos do arroz e do milho, conforme já discutido no número anterior deste Boletim.

Por outro lado, o preço do boi gordo se comportou no último trimestre de maneira peculiar *vis-à-vis* os demais preços agrícolas. Como mostrado no Gráfico 8.1, o preço à vista de bovinos deixou de cair sistematicamente, como vinha acontecendo desde o início de 2005, e passou a ostentar um comportamento errático, aumentando abruptamente em setembro, caindo em outubro e voltando a apresentar alta no período final coberto pelo gráfico.

É provável que essa elevação do preço dos bovinos durante setembro fosse o início de um processo de recuperação de preço, como sugerido no número anterior deste Boletim. Em apoio adicional a essa hipótese, o Gráfico 8.2 acrescenta informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre o abate de bovinos, mostrando que esse abate realmente se intensificou no período mais recente, tanto de bois como de vacas.

Essa recuperação teria sido abortada, contudo, pela eclosão do problema da febre aftosa e o consequente embargo às exportações, o que fez redirecionar para o mercado doméstico animais que deveriam se destinar ao exterior. A alta mais recente mostra, contudo, que esse

TABELA 8.1

PREÇOS AGRÍCOLAS EM NÍVEL DE PRODUTOR OU ATACADO — 2003-2005

[em R\$ de outubro de 2005 (deflator: IPCA)]

Período	Arroz agulhinha ^A (Saca de 30 kg)		Arroz agulhinha ^P (Saca de 50 kg)		Feijão-preto ^P (Saca de 60 kg)		Feijão cores ^A (Saca de 60 kg)	
	Dez. 2003	Dez. 2004	Dez. 2003	Dez. 2004	Dez. 2003	Dez. 2004	Dez. 2003	Dez. 2004
	a	a	a	a	a	a	a	a
	Nov. 2004	Nov. 2005	Nov. 2004	Nov. 2005	Nov. 2004	Nov. 2005	Nov. 2004	Nov. 2005
Dezembro	59,0	35,4	44,9	24,4	59,8	71,5	77,3	94,0
Janeiro	54,3	32,9	44,4	24,4	58,2	72,0	91,0	94,0
Fevereiro	49,6	33,4	42,7	25,6	55,0	70,6	95,4	92,1
Março	49,1	33,7	36,3	25,7	56,3	74,1	95,5	90,5
Abril	50,0	34,3	36,5	23,0	64,4	76,6	92,6	104,0
Maio	48,4	30,0	36,7	19,4	65,9	74,7	90,4	105,4
Junho	48,6	29,9	37,1	19,9	69,8	70,8	85,0	116,6
Julho	46,7	28,5	35,9	20,0	69,1	64,8	71,3	119,0
Agosto	44,4	27,4	32,7	18,3	66,8	66,9	66,1	87,7
Setembro	41,1	24,2	31,8	17,0	67,5	67,3	78,5	79,5
Outubro	39,7	24,5	29,6	17,1	71,5	67,6	94,4	72,1
Novembro ^a	38,1	26,5	27,8	18,7	71,6	75,5	94,2	69,0

Período	Milho ^A (Saca de 60 kg)		Trigo ^P (Saca de 60 kg)		Café Conillón ^P (Saca de 60 kg)		Café Arábica ^P (Saca de 60 kg)	
	Dez. 2003	Dez. 2004	Dez. 2003	Dez. 2004	Dez. 2003	Dez. 2004	Dez. 2003	Dez. 2004
	a	a	a	a	a	a	a	a
	Nov. 2004	Nov. 2005	Nov. 2004	Nov. 2005	Nov. 2004	Nov. 2005	Nov. 2004	Nov. 2005
Dezembro	21,5	17,4	27,1	21,0	148,3	145,5	196,7	282,5
Janeiro	21,5	18,0	26,7	20,5	156,4	151,4	216,1	296,2
Fevereiro	19,8	17,3	26,4	19,9	148,6	158,3	226,2	315,8
Março	20,4	19,0	26,9	21,4	137,7	158,4	228,2	346,8
Abril	23,7	19,7	29,8	24,2	134,9	152,4	222,8	343,1
Maio	22,8	18,2	32,2	22,1	145,1	161,7	238,6	329,4
Junho	21,2	19,1	32,4	20,5	148,8	163,3	259,3	305,5
Julho	19,0	18,8	28,9	20,0	137,8	157,9	216,5	258,9
Agosto	19,1	18,2	26,4	19,8	142,3	151,9	213,3	256,7
Setembro	19,4	17,7	24,1	18,2	150,0	147,4	235,0	230,4
Outubro	18,3	16,9	22,7	17,3	146,1	150,5	229,7	244,4
Novembro ^a	17,6	16,0	21,9	16,9	144,4	158,7	253,9	254,1

Fontes: 1) Conab: arroz agulhinha, feijão cores e milho; 2) Seab/Deral: feijão-preto e trigo; 3) Cepea: café conillón e café arábica. Elaboração: Ipea/Dimac.

Notas: ^A Atacado: agulhinha = SP, feijão cores = SP, milho = SP; ^P Produtor (principal estado produtor): arroz agulhinha = RS, feijão-preto = PR, trigo = PR, café conillón = ES, café arábica = SP.^a Os preços de novembro de 2005 são referentes às duas primeiras semanas.

TABELA 8.2

PREÇOS AGRÍCOLAS EM NÍVEL DE PRODUTOR OU ATACADO — 2003-2005

[em R\$ de outubro de 2005 (deflator: IPCA)]

Período	Algodão ^A (15 kg)		Soja ^P (Saca de 60 kg)		Bovinos ^P (15 kg)		Frango ^P (1 kg)	
	Dez. 2003	Dez. 2004	Dez. 2003	Dez. 2004	Dez. 2003	Dez. 2004	Dez. 2003	Dez. 2004
	a	a	a	a	a	a	a	a
	Nov. 2004	Nov. 2005	Nov. 2004	Nov. 2005	Nov. 2004	Nov. 2005	Nov. 2004	Nov. 2005
Dezembro	77,5	41,9	51,2	33,6	68,7	64,8	1,68	1,80
Janeiro	84,1	42,2	49,7	33,5	68,2	62,5	1,50	1,46
Fevereiro	79,8	44,1	48,1	27,2	66,6	60,7	1,57	1,43
Março	78,6	41,3	54,3	34,7	65,0	59,7	1,39	1,30
Abril	78,6	42,6	54,6	31,7	64,8	57,8	1,32	1,23
Mai	67,0	38,1	52,7	30,5	66,3	55,8	1,56	1,33
Junho	62,5	39,4	47,2	32,7	67,2	54,9	1,67	1,41
Julho	56,9	39,8	43,4	33,0	65,9	54,1	1,72	1,41
Agosto	53,2	37,7	40,5	32,1	66,5	52,8	1,64	1,50
Setembro	54,9	35,3	39,4	30,1	65,5	50,5	1,61	1,58
Outubro	49,0	34,9	35,4	28,8	64,8	57,6	1,74	1,45
Novembro ^a	47,1	34,7	35,7	28,4	65,8	56,3	1,77	1,38

Período	Suínos ^P (1 kg)		Leite tipo C ^P (Litro)		Açúcar ^A (R\$/saca de 50 kg)		Álcool ^A (R\$/litro)	
	Dez. 2003	Dez. 2004	Dez. 2003	Dez. 2004	Dez. 2003	Dez. 2004	Dez. 2003	Dez. 2004
	a	a	a	a	a	a	a	a
	Nov. 2004	Nov. 2005	Nov. 2004	Nov. 2005	Nov. 2004	Nov. 2005	Nov. 2004	Nov. 2005
Dezembro	3,07	4,18	0,53	0,57	25,2	32,9	0,80	0,94
Janeiro	2,96	3,71	0,49	0,56	22,8	30,6	0,71	0,92
Fevereiro	2,86	3,54	0,47	0,56	20,8	29,8	0,50	0,89
Março	3,03	3,60	0,48	0,57	24,5	34,2	0,43	0,90
Abril	3,09	3,15	0,49	0,58	31,5	34,3	0,51	0,86
Mai	3,12	2,44	0,52	0,60	25,0	26,6	0,59	0,68
Junho	3,46	2,60	0,57	0,60	29,2	26,5	0,68	0,70
Julho	3,54	2,85	0,62	0,59	30,1	29,6	0,73	0,78
Agosto	3,84	2,96	0,62	0,54	32,2	30,9	0,81	0,77
Setembro	3,98	3,08	0,60	0,50	30,7	31,8	0,82	0,85
Outubro	3,92	3,18	0,59	0,48	29,4	33,7	0,96	0,94
Novembro ^a	3,98	2,86	0,58	0,44	31,6	34,5	1,04	0,92

Fontes: 1) Conab: algodão, soja, bovinos, frango e suínos; 2) Cepea: leite tipo C, açúcar e álcool. Elaboração: Ipea/Dimac.

Notas: ^A Atacado: algodão = SP, açúcar = SP, álcool = SP; ^P Produtor (principal estado produtor): soja = PR, bovinos = SP, frango = SP, suínos = SP e leite = MG.^a Os preços de novembro de 2005 são referentes às duas primeiras semanas.

TABELA 8.3
PREÇOS AGRÍCOLAS INTERNACIONAIS — 2003-2005
 [em US\$ correntes (unidade)]

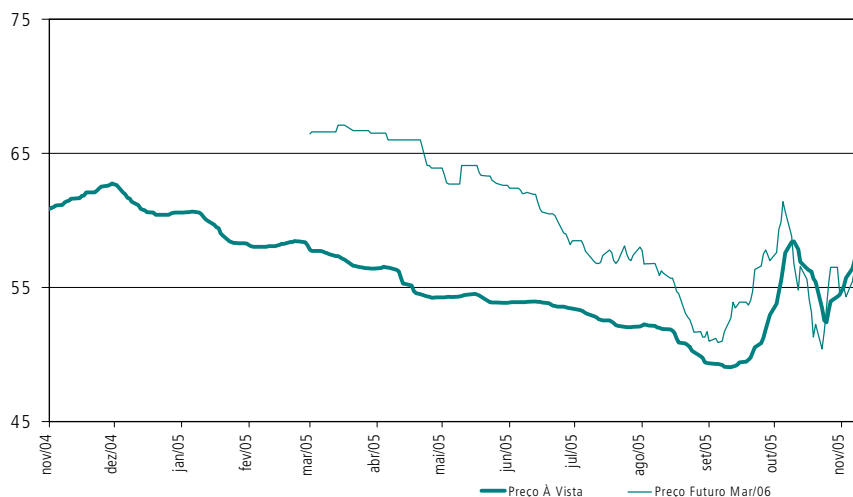
Período	Soja em grão (US\$/t)		Milho (US\$/t)		Trigo (US\$/t)		Algodão (US\$ cents/lp)	
	Dez. 2003	Dez. 2004	Dez. 2003	Dez. 2004	Dez. 2003	Dez. 2004	Dez. 2003	Dez. 2004
	a	a	a	a	a	a	a	a
	Nov. 2004	Nov. 2005	Nov. 2004	Nov. 2005	Nov. 2004	Nov. 2005	Nov. 2004	Nov. 2005
Dezembro	283	199	97	79	141	109	70	44
Janeiro	301	195	105	79	144	110	74	46
Fevereiro	316	198	111	79	140	110	68	46
Março	361	233	119	84	142	125	66	52
Abril	364	229	124	82	145	115	62	54
Maio	348	233	118	82	138	116	63	53
Junho	321	255	113	87	130	119	53	48
Julho	283	254	93	93	121	122	46	51
Agosto	226	228	88	86	114	118	47	48
Setembro	207	211	84	80	119	118	51	50
Outubro	193	209	81	81	114	130	47	52
Novembro ^a	196	213	78	76	112	113	46	50

Período	Café arábica (US\$ cents/lp)		Arroz (US\$/t)		Açúcar (US\$ cents/lp)	
	Dez. 2003	Dez. 2004	Dez. 2003	Dez. 2004	Dez. 2003	Dez. 2004
	a	a	a	a	a	a
	Nov. 2004	Nov. 2005	Nov. 2004	Nov. 2005	Nov. 2004	Nov. 2005
Dezembro	63	99	201	281	4,7	8,8
Janeiro	72	102	219	292	5,8	8,9
Fevereiro	73	113	220	297	5,6	8,9
Março	74	128	248	296	6,5	8,9
Abril	70	120	250	299	6,6	8,4
Maio	73	119	238	298	6,6	8,5
Junho	78	112	236	289	7,1	8,9
Julho	69	102	238	282	8,2	9,6
Agosto	68	102	244	287	7,9	9,9
Setembro	76	92	240	289	7,9	10,4
Outubro	76	93	250	292	9,0	11,4
Novembro ^a	84	101	263	284	8,7	11,7

Fonte: Conab. Elaboração: Ipea/Dimac.

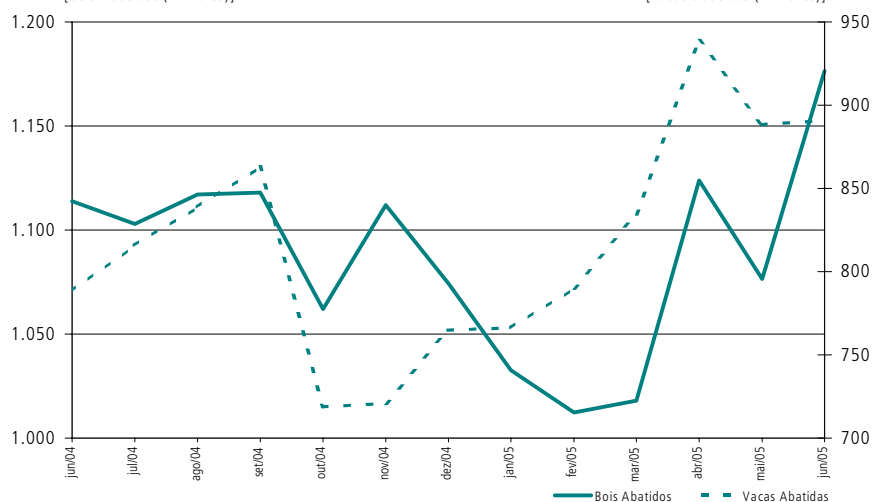
^a Os preços de novembro de 2005 são referentes às três primeiras semanas.

GRÁFICO 8.1
EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DOMÉSTICOS DO BOI GORDO — NOVEMBRO DE 2004 A NOVEMBRO DE 2005
 [em valores nominais (R\$/arroba)]



Fonte: BM&F.
 Elaboração: Ipea/Dimac.

GRÁFICO 8.2
EVOLUÇÃO DO ABATE DE BOI GORDO E DE VACAS — JUNHO DE 2004 A JUNHO DE 2005 — SÉRIES DESSAZONALIZADAS
 [bois abatidos (milhares)] [vacas abatidas (milhares)]



Fonte: IBGE.

mercado se tornou muito errático, difícil de ser analisado, passando inclusive a apresentar movimentos incompatíveis com os mecanismos usuais de integração espacial dos mercados de diferentes estados.

AS PREVISÕES DE SAFRA DE GRÃOS DA COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB) E DO IBGE

Como de hábito, a Conab e o IBGE apresentam, nesta época do ano, as informações de “intenção de plantio” da próxima safra de grãos, assim como as estimativas de produção de grãos no próximo ano. A Tabela 8.4 apresenta os números da Conab. Confirmando o que se esperava, a Conab estima quedas na área de algodão (entre 28,6% e 34,9%), arroz (entre 11% e 15%), soja (entre 4,8% e 7,8%) e trigo (14,4%). Além do feijão 1ª safra, só o milho 1ª safra vai ter sua área aumentada (entre 3,8% e 6%), o que se explica pelo papel positivo

TABELA 8.4

CONAB: PRIMEIRO LEVANTAMENTO DE INTENÇÃO DE PLANTIO DA SAFRA 2005/2006 E COMPARAÇÃO COM A SAFRA 2004/2005

Cultura	Área plantada			Produção de grãos		
	2004/2005 (mil ha)	2005/2006 (Variação em relação a 2004/2005)		2004/2005 (mil t)	2005/2006 (Variação em relação a 2004/2005)	
		Lim. inf.	Lim. sup.		Lim. inf.	Lim. sup.
Algodão	1.179	-34,9	-28,6	2.129	-31,8	-24,6
Arroz	3.916	-15,0	-11,7	13.227	-12,6	-9,4
Feijão 1ª safra	1.160	5,2	6,7	1.101	8,3	11,0
Milho 1ª safra	9.019	3,8	6,0	27.272	16,3	19,4
Soja	23.301	-7,8	-4,8	51.090	11,0	14,6
Trigo	2.756	-14,4	-14,4	5.846	-16,4	-16,4
Outras lavouras ^a	7.547	0,3	0,4	12.833	9,3	9,4
Brasil	48.878	-5,7	-3,4	113.499	7,1	10,0

Fonte: Conab.

^a Outras lavouras: amendoim, aveia, centeio, cevada, girassol, sorgo, mamona, triticale, feijão 2ª e 3ª safras e milho 2ª safra.

que o milho cumpre na rotação com a soja. As quedas de área de algodão, arroz e trigo implicarão, segundo a Conab, quedas proporcionais na produção, o mesmo não acontecendo, contudo, com a soja, cuja produção poderá crescer 18% devido à quebra de safra ocorrida este ano por razões climáticas. A Conab espera também que a produção de milho, pelo mesmo motivo, aumente muito mais do que a sua área plantada.

Previsões semelhantes foram apresentadas pelo IBGE. Conforme a Tabela 8.5, o IBGE prevê quedas expressivas na área plantada de algodão e de arroz, e uma queda na área de soja (de 6,4%) muito semelhante à estimativa da Conab. O comportamento previsto do milho 1ª safra, apresentado pelo IBGE, é também muito próximo ao previsto pela Conab.

As previsões da Conab e do IBGE quanto às quantidades produzidas de milho e soja, assim como as previsões de quantidades produzidas das demais culturas, devem, contudo, ser consideradas com reservas, já que têm por base a hipótese de condições climáticas simultaneamente favoráveis, no ano que vem, nas várias regiões do Brasil. Essa hipótese de produtividades “normais” no ano agrícola 2005/2006 talvez não seja a mais adequada, devido a

TABELA 8.5

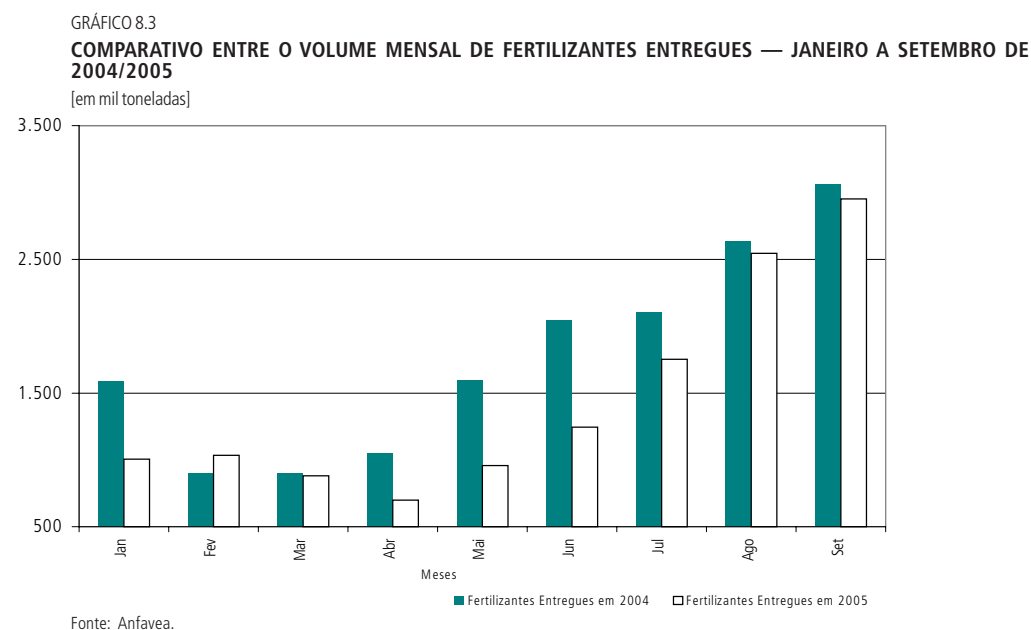
IBGE: PROGNÓSTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA NACIONAL

Cultura	Área plantada			Produção de grãos		
	Safra 2005	Safra 2006	Variação (%)	Safra 2005	Safra 2006	Variação (%)
	(mil ha)			(mil t)		
Algodão	1.249	898	-28,1	3.672	2.786	-24,1
Arroz	4.009	3.354	-16,3	13.253	11.949	-9,8
Feijão 1ª safra	2.205	2.263	2,6	1.431	1.768	23,6
Milho 1ª safra	8.941	9.471	5,9	27.104	33.928	25,2
Soja	23.400	21.905	-6,4	51.090	58.741	15,0

Fonte: IBGE.

menor intensidade de uso da terra que deverá marcar o próximo ano agrícola. Isso se deve à queda nas vendas de insumos agrícolas, como revelado pelo caso de fertilizantes, no Gráfico 8.3. Note-se, ainda, que a queda do consumo de fertilizantes mostrada nesse gráfico está subestimando a queda que, de fato, está ocorrendo no caso dos grãos, já que os dados do Gráfico 8.3 incluem culturas (como a cana-de-açúcar e o café) que não estão atravessando a mesma conjuntura adversa, e que, por isso mesmo, estão dando alguma sustentação ao mercado de fertilizantes. Note-se, contudo, que essa redução de aquisição de insumos correntes apenas em parte indica menor intensidade futura de uso da terra, uma vez que reflete, também, a redução de área plantada.

De qualquer maneira, o que interessa reter, dessas previsões oficiais, é o fato de que, pela primeira vez em vários anos, a agricultura reduz a área de lavouras importantes, como o algodão, o arroz e a soja. É esse o fato mais significativo nessas previsões, e estará subjacente à discussão que se segue.



O AUMENTO RECENTE DO ENDIVIDAMENTO AGRÍCOLA E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

Como mostra a Tabela 8.6, a partir do ano agrícola 1995/1996 ocorreu um aumento muito rápido do endividamento agrícola, coincidindo com as discussões sobre o problema da dívida do setor agrícola acumulada até então. As sucessivas renegociações dessa dívida resolveram o problema de liquidez que o setor enfrentava, o que foi muito importante para o seu crescimento no período subsequente.

Destaque especial cabe, nessa tabela, ao crédito de investimento, já que ele não é de ciclo anual, como os demais empréstimos, mas cumulativo; isso lhe dá uma importância muito grande na análise do comportamento do setor agrícola em conjunturas adversas, como a atual. Assim, para ilustrar, considerando apenas os anos agrícolas 2003/2004 e 2004/2005, o setor contraiu uma dívida *adicional* de R\$ 20,9 bilhões, só na rubrica investimento, quase o mesmo valor do crédito de custeio, que foi, em média, de R\$ 22 bilhões. De fato, considerando os cinco últimos anos agrícolas incluídos nessa tabela (2000/2001 a 2004/2005), o setor aumentou em nada menos que R\$ 41,8 bilhões seu endividamento só por conta do crédito de investimento.

TABELA 8.6
EVOLUÇÃO DO CRÉDITO RURAL CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS POR FINALIDADE: QUADRO COMPARATIVO — ANO SAFRA (JULHO A JUNHO)
 [em R\$ milhões do ano safra 2004/2005]

Safra	Custeio	Investimento	Comercialização	Total
1995/1996	8.748,4	2.942	1.355	13.046
1996/1997	9.866,6	2.731	1.126	13.724
1997/1998	11.065,5	3.893	1.919	16.877
1998/1999	11.863,0	3.156	2.583	17.602
1999/2000	12.999,6	4.005	3.291	20.296
2000/2001	13.938,5	5.166	4.181	23.285
2001/2002	14.262,2	7.447	4.596	26.305
2002/2003	18.845,9	8.286	5.834	32.966
2003/2004	20.699,1	10.429	6.694	37.822
2004/2005	23.306,7	10.477	9.482	43.266
2004/2005 ^a	8.752,9	2.623	1.980	13.356
2005/2006 ^a	5.803,5	1.729	1.804	9.337

Fonte: Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa). Deflator IPCA.

^a Julho a setembro.

A Tabela 8.7 mostra as fontes desses recursos emprestados à agricultura a título de investimento. Destaca-se o papel do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), através dos vários programas desenvolvidos nesse período, com destaque para o Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Implementos Associados e Colheitadeiras (Moderfrota), nos anos mais recentes. Só através do Moderfrota (BNDES/Finame, na tabela), o setor agrícola contraiu uma dívida de R\$ 10,2 bilhões nos anos-safra 2002/2003 e 2003/2004.

TABELA 8.7
EVOLUÇÃO DO CRÉDITO RURAL PARA INVESTIMENTO CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS POR FONTE — 1995/1996 A 2003/2004
 [em R\$ milhões do ano safra 2004/2005]

Fontes	1995/1996	1996/1997	1997/1998	1998/1999	1999/2000	2000/2001	2001/2002	2002/2003	2003/2004
Recursos do Tesouro	377	54	4	18	4	44	472	395	538
Recursos obrigatórios	43	240	1.045	336	505	649	1.011	997	702
Poupança rural	31	12	19	0	0	1	5	7	46
Recursos livres	357	112	156	90	149	135	127	115	164
Fundos constitucionais	1.584	1.136	1.188	984	1.162	1.209	1.570	1.808	1.690
FAT	126	619	533	424	585	238	439	504	1.064
BNDES/Finame ^a	—	310	637	974	1.459	2.592	3.416	4.157	6.017
Recursos externos	—	—	63	58	61	34	12	8	51
Rec. de outras fontes ^b	424	248	247	272	79	264	395	295	55
Total	2.942	2.731	3.893	3.156	4.005	5.166	7.447	8.286	10.326

Fonte: Mapa. Deflator: IPCA.

^a Dados do BNDES.

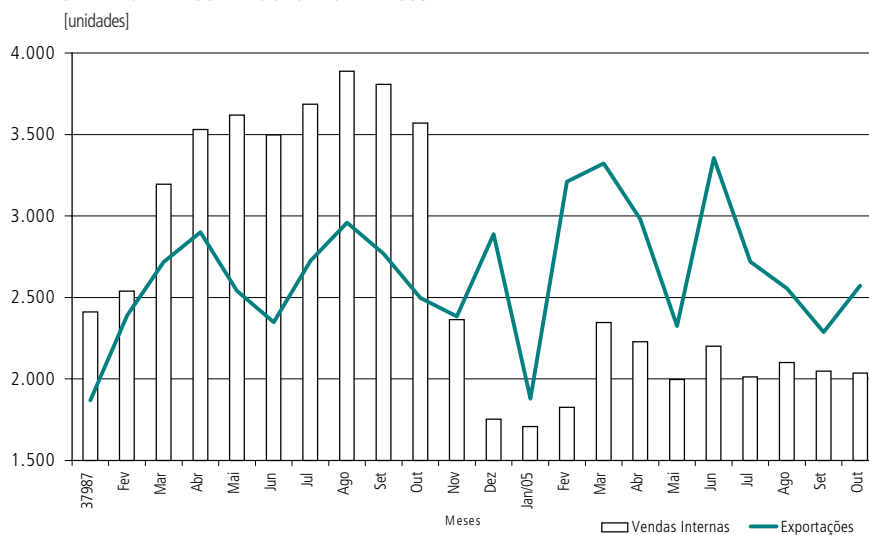
^b Fundo de *commodities*, Incra/Proceca, governos estaduais, Funcafé etc.

Deve-se notar que esse endividamento recente vem se somar à dívida anterior, que foi renegociada, mas não anulada. Segundo o relatório recente da Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD), um montante total de R\$ 21,8 bilhões foi renegociado através da securitização e do Programa Especial de Saneamento de Ativos (Pesa)¹ a partir do final de 1995, mas em outras estimativas esse total chegou a R\$ 30 bilhões, isso sem incluir as renegociações e os “rebates” de empréstimos concedidos a pequenos produtores no âmbito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e do Programa de Crédito Especial para Reforma Agrária (Procera).

A concessão desse tipo de empréstimos de investimento, como não poderia deixar de acontecer, reduziu-se abruptamente a partir do ano agrícola 2004/2005. A queda consequente das vendas internas de tratores e máquinas agrícolas não se fez esperar, como mostra o Gráfico 8.4. Essa queda só não trouxe uma crise de grandes proporções para os setores industriais envolvidos devido à importância que assumiu, nesses setores, a exportação, que se manteve estável em termos quantitativos, embora tenha caído também em termos de valor, devido à apreciação cambial. Outros indicadores da redução do investimento na agricultura — e, portanto, de redução do crescimento agrícola —, como a informação sobre o uso de calcário, deverão corroborar essa informação sobre os mercados de tratores e máquinas agrícolas.²

O que agrava mais esse quadro é que, como se sabe, as estatísticas de crédito rural do Banco Central (Bacen) não incluem o crédito extrabancário, que adquiriu grande importância nos anos recentes. Isso inclui, por exemplo, a Cédula de Produto Rural (CPR), que, em sua modalidade “financeira” (em que há a opção de liquidação financeira do título), tornou-se muito mais atraente para o mercado financeiro. Sem considerar as CPRs “de gaveta”, que

GRÁFICO 8.4
EVOLUÇÃO DAS VENDAS INTERNAS E DAS EXPORTAÇÕES DE TRATORES E MÁQUINAS AGRÍCOLAS —
JANEIRO DE 2004 A OUTUBRO DE 2005



Fonte: Anfavea.

1. Ver o relatório da OECD (2005). Segundo esse relatório, o subsídio envolvido nessa renegociação da dívida agrícola tornou-se o item principal de “subsídio ao produtor” no Brasil. Segundo a revista *Agroanalysis* (2004), a União despendeu R\$ 27 bilhões com essa renegociação.

2. No número anterior deste boletim, mostrou-se que o consumo de calcário é muito correlacionado com o investimento agrícola; quando estiver disponível, a informação sobre o consumo este ano deverá ser muito relevante para a análise da situação atual do setor agrícola.

não são registradas em cartório, as CPRs avalizadas somente pelo Banco do Brasil atingiram um nível próximo de R\$ 5 bilhões em 2004, um crescimento vertiginoso em relação ao montante inferior a R\$ 500 milhões em 1999.³

O que importa notar é que, em face desse crescimento tão rápido do endividamento agrícola de curto e de longo prazos, a queda da renda agrícola ocorrida no período 2004/2005⁴ estaria impedindo que o setor agrícola pague, ao mesmo tempo, suas obrigações de curto e de longo prazos. Ora, assim como ocorreu na experiência anterior, isso deve ter levado o sistema financeiro a restringir o acesso do setor a novos empréstimos, até mesmo de curto prazo, com conseqüências adversas sobre o próprio nível corrente da atividade agrícola, como está, de fato, acontecendo.

A única coisa que se deve esperar do governo é que passe a adotar, no futuro, uma política de crédito agrícola diferente em relação à atual, visando evitar que se forme um endividamento excessivo no setor, sobretudo quando se levam em conta as incertezas e a volatilidade inerentes à atividade. Ao se imobilizarem talvez em excesso, em anos bons, os agricultores passam genuinamente a ter problemas de liquidez para pagar as parcelas de suas dívidas em anos ruins. Tendem, assim, a pressionar por maiores concessões e subsídios por parte do governo, em uma sucessão sem fim, cujo resultado final é um maior ônus fiscal para o governo.⁵ Além disso, conforme discutido no último Boletim, o elevado grau de mecanização acaba aumentando os custos fixos de produção e conseqüentemente a rigidez da oferta em uma conjuntura de preços já deprimidos, o que contribui para uma maior volatilidade.

SUMÁRIO E CONCLUSÕES

Esta seção informou que o investimento agrícola vem se reduzindo de maneira significativa, desde o ano agrícola anterior (2004/2005) e está se intensificando no ano agrícola que começa agora.

Um fator que, com toda certeza, contribui para amortecer essa queda do nível do investimento agrícola é que essa conjuntura adversa vem se limitando aos grãos e às regiões que se concentram na produção de grãos. Atividades importantes na agricultura, como a cana-de-açúcar e o café, não têm sofrido os efeitos da crise. Por outro lado, permanece incerta a situação da pecuária bovina, atividade que tem contribuído de maneira muito importante para o surto recente de crescimento agrícola no Brasil.

Embora a queda observada nos níveis de rentabilidade agrícola, fruto da queda dos preços internacionais dos grãos e da valorização da taxa de câmbio, seja muito relevante para explicar essa contração do investimento agrícola, sugeriu-se também, nesta seção, que o excessivo endividamento contraído pelo setor agrícola nos últimos anos — sobretudo para a realização de investimentos —, ao lado de uma dívida renegociada antiga, pode estar levando o setor a ter dificuldades de cumprir o serviço dessa dívida. Como, além disso, nesse período anterior de “bonança”, ocorreu também um aumento muito forte do endividamento de curto prazo, o problema de inadimplência se tornou mais grave ainda.

3. Sobre esse crescimento vertiginoso das CPRs, ver Bacha e Silva (2005).

4. Para uma análise simples, porém muito expressiva, dessa queda de renda no ano agrícola 2004/2005, ver a seção Política Agrícola, no Boletim de Conjuntura 69.

5. Uma discussão mais extensa desse problema da dívida agrícola passada encontra-se em Rezende (2003, Cap. 6).

BIBLIOGRAFIA

AGROANALYSIS. A dívida do campo, p. 53-54, dez. 2004.

BACHA, C. J. C., SILVA, G. S. O desempenho dos instrumentos privados. *Agroanalysis*, p. 44-45, out. 2005.

OECD. *Review of agricultural policies in Brazil*. May 2005.

REZENDE, G. C. *Estado, macroeconomia e agricultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Ipea e Porto Alegre: UFRGS, Cap. 6, 2003.

